

**O FUNCIONAMENTO DA METÁFORA NO
DISCURSO JORNALÍSTICO DE REVISTA:
TEMAS SINDICAIS EM VEJA E REVISTA
DO BRASIL**

PATRÍCIA REGINA SCHUSTER
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
PATI.JORNALISTA@GMAIL.COM

[HTTP://DX.DOI.ORG/10.5902/2316882X22463](http://dx.doi.org/10.5902/2316882X22463)

O FUNCIONAMENTO DA METÁFORA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE REVISTA: TEMAS SINDICAIS EM VEJA E REVISTA DO BRASIL

Resumo: A tese discute o funcionamento da metáfora no jornalismo. Amparada na Análise de Discurso, estabelece uma ponte analítica entre a metáfora como figura de linguagem e o conceito de metáfora como processo metafórico. A pesquisa é empreendida a partir de dois lugares de fala: revista *Veja* e *Revista do Brasil*. Conclui que este artifício discursivo estimula o perfil autoritário do discurso jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo. Metáfora. Revista *Veja*. Revista do Brasil. Sindicalismo.

LA OPERACIÓN DE LA METÁFORA EM EL DISCURSO PERIODISTICO DE REVISTA: TEMAS DE LÁ UNIÓN EM VEJA Y REVISTA DO BRASIL

Resumen: La tesis analiza el funcionamiento de la metáfora en el periodismo. Apoyado en el análisis del discurso, proporciona un puente analítica entre la metáfora como una forma de expresión y el concepto de la metáfora como proceso metafórico. La investigación se lleva a cabo entre dos lugares de expresión: la revista *Veja* y *Revista do Brasil*. Se llega a la conclusión de que este dispositivo discursivo estimula el perfil autoritario del discurso periodístico. Palabras clave: Periodismo. Metáfora. Revista *Veja*. Revista do Brasil. El sindicalismo.

THE METAPHOR IN MAGAZINE JOURNALISTIC SPEECH: UNION IS- SUES IN VEJA AND REVISTA DO BRASIL

Abstract: The thesis discusses the functioning of metaphor in journalism. Bolstered in the Discourse Analysis, it provides an analytical bridge between metaphor as a figure of speech and the concept of metaphor as metaphorical process. Research is undertaken from two speech sites: *Veja* magazine and *Revista do Brasil*. One concludes that this discursive device stimulates the authoritarian profile of journalistic discourse.

Keywords: Journalism. Metaphor. *Veja* magazine. Magazine Brazil. Syndicalism.

Introdução

Nossa pesquisa nasceu com o intuito de problematizar o jornalismo. Nela, as expressões metafóricas, constitutivas do discurso jornalístico, e sua presença em lugares de fala distintos - revista *Veja* e *Revista do Brasil* - figuraram como os seus dois principais caminhos.

Detivemo-nos, na tese, num recurso muito utilizado pelo jornalismo. A metáfora é tida como parte das “estórias” que fazem com que as pessoas compreendam “[...] os acontecimentos em termos humanos” (BIRD; DARDENNE, 1999, p. 270). Entendemos, a partir da corrente teórica a que nos vinculamos – Análise de Discurso (AD) -, que esse processo é movimentado por sentidos. E se há deslocamento, há metáfora, se usarmos a terminologia de Michel Pêcheux, um dos precursores da AD.

Sob estes preceitos é que tensionamos um e outro: a *metáfora* da AD e a *metáfora como figura de linguagem*, ou melhor, o funcionamento da *metáfora nas metáforas*. Foram os movimentos de sentidos, portanto, que este elemento – metáfora - faz no discurso jornalístico que nos instigaram. Sabemos que ela não é apenas capaz de deixar o texto mais leve, com qualidade estética apurada. Trata-se de uma unidade discursiva que materializa inconstância, concorre entre paráfrases e polissemias, que está sempre disposta a assumir um “sentido outro”. E, no discurso jornalístico, esse movimento das expressões metafóricas pode subsidiar a configuração de uma ou mais feições discursivas: lúdica, polêmica e autoritária – segundo tipologia de Orlandi (1996).

Os *lugares* que elegemos para enxergar como se deu a incidência da metáfora foram reportagens sobre temas sindicais publicadas pelas revistas *Veja*, da editora Abril, e a *Revista do Brasil*, ligada à Rede Brasil Atual – portal que acomoda os veículos da editora Atitude, a qual é mantida por um grupo de organizações sindicais. Operacionalizamos a análise destes dois veículos com base no conceito *lugar de fala*, a partir de Orlandi (2012). Como instrumento teórico e metodológico, ele nos ajudou a diferenciar duas publicações - *Veja* e *Revista do Brasil* – com explícita materialidade jornalística (é assim que enunciam-se) e que, assumidamente, falam de lugares distintos, concedem à palavra sindical modos desiguais de representação.

Objetivos

Objetivamos investigar o funcionamento da metáfora no jornalismo e analisar os aspectos que diferenciam sua presença em lugares de fala distintos, como são os de *Veja* e *Revista do Brasil*, detectando como trafega este artifício discursivo, entre os polos parafrásticos e polissêmicos (estabilização ou ruptura de uma ordem de sentidos) - ao narrar temas sindicais, e se esse movimento redundava num estímulo ao perfil autoritário do discurso jornalístico ou introduz a polêmica.

Interligado a ele, estipulamos quatro objetivos específicos: estudar o *lugar de fala* de *Veja* e *Revista do Brasil*; verificar quais são os sentidos produzidos pelas metáforas sobre temas sindicais nestas publicações; analisar o funcionamento das metáforas e observar seu trânsito entre paráfrases e polissemias; e apontar as consequências do funcionamento das metáforas: ou para uma possível condição autoritária do discurso jornalístico ou para a instauração da polêmica.

Considerações metodológicas

Embasamos nosso trabalho na AD de matriz francesa. Não somente do ponto de vista metodológico, mas teórico-metodológico. Ela promove o encontro da linguística com a política, “[...] ainda que as modalidades desse encontro [como é o discurso jornalístico] sejam objeto de um silêncio um pouco embaraçado ou de numerosos desvios” (COURTINE, 2006, p. 13). Aplicamos suas diretrizes a um conjunto de 52 reportagens (24 da revista *Veja* e 28 da *Revista do Brasil*).

Principais resultados

Realizamos, primeiramente, a análise dos sentidos nas reportagens destacadas para nosso *corpus*. Esse processo, que deu conta da totalidade dos textos, nos indicou que *Veja* discursiviza sobre sindicalismo a partir de sete Famílias Parafrásticas (FPs), as quais filiaram-se a duas Formações Discursivas (FD's), quais sejam, FD1 – Discurso Desqualificador e FD2 – Discurso Transigente (esta residual). Executamos a mesma ação para a *Revista do Brasil*. Dez FPs, amparadas por três FDs - FD3 – Discurso do Sindicalismo Combativo; FD4 – Discurso do Sindicalismo Negociador; e FD5 – Discurso do Sindicalismo Defensivo – resumem a produção semântica da publicação

acerca do tema.

Concluída esta etapa, cotejamos as metáforas a este resultado preliminar para analisar se elas reforçavam, explicavam, repeliam ou o que provocavam neste discurso. Ao nos dedicarmos exclusivamente a elas notamos, de pronto, uma padronagem de funcionamento nas duas revistas. O tipo 1, em que os sentidos das metáforas reforçam as FPs e congelam o discurso, e o tipo 2, em que elas, amparadas por modelos de *anunciabilidade*, seguem a interditá-lo.

Datalhando: em *Veja*, as metáforas que dizem de temas sindicais produziram um discurso repetível e parafrástico, pois os sentidos se constituíram a partir de uma única base referencial: da FD1. Não localizamos metáforas que dessem sustentação à FD2. Ocorre que o mesmo sentido passeia por diferentes formas – diferentes metáforas – a fim de garantir uma constância semântica negativa para o sindicalismo, para os sindicalistas e suas ações.

A polissemia do sindicalismo brasileiro é contida no veículo não só pela previsibilidade dos signos que compõe a reportagem como um todo – como vimos na análise geral dos sentidos (texto) -, mas, de modo crucial, pela imprevisibilidade e liberdade das aproximações que as metáforas estão dispostas a tecer. Um fortuito que, em *Veja*, reside apenas na forma em detrimento do sentido.

Na *Revista do Brasil*, o funcionamento das metáforas é o mesmo de *Veja*: os sentidos, **em sua maioria**, gravitam em torno de redes parafrásticas. Há, todavia, algumas objeções em relação ao primeiro veículo.

Uma delas é que **quase todo** o discurso da RB – corroborado pelas expressões metafóricas – pode ser tipificado como um contra-discurso. O lugar de fala da revista sindical é o do próprio sindical, por isso, mesmo que ela comungue de algumas condições jornalísticas comuns a *Veja* (referimo-nos ao fato de ambas produzirem jornalismo – uma de revista e a outra sindical), é dela a prerrogativa de promover uma contraposição discursiva.

Duas Formações Discursivas (FD3 e FD4), das três observadas no exame geral dos sentidos, fomentam uma leitura parafrástica do meio sindical. Adulteram-se as formas (expressões metafóricas), mas os sentidos permanecem a honrar um “[...] mesmo espaço dizível: produz[em] a variedade do mesmo” (ORLANDI, 2012, p. 37). Os modelos de *anunciabilidade* – sistematizados a partir de terminologias fisiológicas, topográficas e patológicas -, igualmente, contribuem para que haja uma movimentação parafrástica dos sentidos, sobretudo, quando o assunto é sindicalismo, propriamente dito, e

economia (conteúdo que tangencia a pauta sindical).

Há, no entanto (e essa é talvez a maior distinção do funcionamento das metáforas quanto a *Veja*) um instante em que o sentido, na RB, mais uma vez acompanhado de algumas expressões metafóricas, provoca o deslizamento de uma discursividade cristalizada. Quando a RB – e suas metáforas – passam a acudir a Formação Discursiva do Discurso Sindical Defensivo (FD5), algo “inusitado” acontece. Dá-se uma ruptura do funcionamento “ordinário” do discurso do veículo sindical.

Não faz parte do horizonte do dizer da RB, cujo *lugar de fala* está impregnado da memória combativa do Novo Sindicalismo, liderado pela CUT, tentar escusar-se ou admitir as mazelas do sindicalismo contemporâneo. Os sentidos das metáforas transgridem um domínio de “coisas” fixas. Eles produzem um discurso interdito e polissêmico. São proibidos, porque desarumam o imaginário social de uma postura sindical ideal, incitada, no Brasil, sobremaneira, nos idos dos anos de 1980.

O discurso jornalístico, mediante tal exposição, não tem – seja em *Veja*, seja na *Revista do Brasil* (exceto por um único momento) - na metáfora uma aliada, no sentido de instituir a polêmica. Em ambos os *lugares de fala*, ele é aprisionado – em sua maioria – pelas expressões metafóricas.

Prevíamos, inicialmente, que elas não fossem somente algarismos de leveza ou genuínas fórmulas com qualidade estética apurada. De fato, não são. Entretanto, é nestas condições, de beleza plástica, que o encarceramento do discurso jornalístico é ainda maior.

Sob a carapuça da coloquialidade a que elas convidam, abrigam-se afirmações categóricas, que, disponibilizadas para a audiência por meio de um código comum, tendem a ampliar seus efeitos de identificação entre enunciador/enunciatário. Na apreciação de Orlandi (1996, p. 30), o discurso pedagógico – agregarmos nós o autoritário – não se resume a discussão maniqueísta “verdadeiro x falso”. [...] a apresentação das razões em torno do referente se reduz ao é-porque-é. O que se explica é a razão do é-porque-é e não a razão do objeto de estudo”.

O paroxismo autoritário se exaspera na presença das expressões metafóricas porque elas parecem solicitar nada mais que um efeito poético. “Um bom ‘poeta’, entretanto, é aquele que domina a tal ponto a sua arte que o seu produto, a representação poética teatral (a encenação) ou narrativa, desencadeia um efeito específico no ânimo do leitor” (GOMES, 1995, p. 72). O efeito, quando se tratam dos dois lugares de fala em destaque no traba-

lho e neles a abordagem de temas sindicais, é de gozo, distração, mas não para quebrar a “lógica pedagógica” (GOMES, 1995) do discurso jornalístico. Os sentidos mostram que é para constringi-lo.

Conclusões

As metáforas, por meio de dois tipos de funcionamento (como vimos acima) consolidam a condição autoritária do discurso jornalístico. Perenizam um saber único, monossêmico sobre sindicalismo (ou quase isso, já que no caso da Revista do Brasil há algumas aberturas para a polissemia). O jornalismo – nos dois lugares de fala – é o domínio da certeza, do imperativo categórico que revela um saber supremo. A diminuição da assimetria, ou a aproximação que as expressões metafóricas procuram provocar no interlocutor é aparente, visto que o discurso segue a dar voz a uma fala segura e autossuficiente, que não se abre para outros dizeres, além daqueles modalizados pelas FD1 (*Veja*), FD3 e FD4 (*Revista do Brasil*). A metáfora (processo metafórico) pecheutiana desvenda tudo aquilo que está desfocado e confirma que as expressões são espelhos de um devir que a distancia da simples promessa estética, feita pelo jornalismo, sobretudo, o de revista.

REFERÊNCIAS

BIRD, E.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.

COURTINE, Jean-Jaques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.

GOMES, Wilson. *Theatrum Politicum: a encenação política na sociedade dos mass mídias*. In: BRAGA, José L.; PORTO, Sérgio D.; FAUSTO NETO, Antônio (Orgs.). *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

RESUMO SOBRE O AUTOR:

Patrícia Regina Schuster - Doutora em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: pati.jornalista@gmail.com

A dissertação que originou este artigo foi orientada pela Dra. Márcia Franz Amaral. e defendida em 11/03/2016, na linha “Mídias e identidades contemporâneas” do POSCOM-UFSM

RECEBIDO EM: 01/06/2016

ACEITO EM: 09/07/2016